

■ É possível transformar a escola e os/as professores/as? Desafios para a formação em gênero e sexualidade

 Cláudia Denis Alves da Paz*

Resumo: Este artigo apresenta uma discussão das experiências de professoras que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Educação Básica no tocante à formação profissional voltada para o trabalho com as temáticas de gênero e sexualidade na escola. Apresentamos aqui um recorte de uma pesquisa de doutorado, na qual analisamos as concepções dos profissionais da Educação Básica do Distrito Federal sobre essas temáticas e a relação dessas concepções com seu trabalho pedagógico. O objeto de análise foi a formação continuada em gênero e sexualidade dos/as profissionais de educação. Nos Anos Iniciais, a concepção das professoras é que as crianças não possuem sexualidade. Portanto, desenvolver um projeto na área poderia “aflorar” essas crianças prematuramente para a sexualidade. A análise dos dados possibilitou perceber a predominância do argumento de que é preciso que as escolas possuam um/a especialista que trate das questões de gênero e sexualidades uma vez que as/os professores/as não conseguiriam lidar com tais temáticas. A necessidade de formação – tanto inicial quanto continuada – nas áreas de gênero e sexualidades foi constatada neste estudo. Primeiramente, devido à dificuldade de encontrar profissionais que tivessem essa formação. Em segundo lugar, com base nos discursos realizados pelos profissionais, pautados em preconceitos e na heteronormatividade.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Trabalho pedagógico. Formação profissional.

* Cláudia Denis Alves da Paz é doutora em Educação. Especialista em Educação Sexual e em Formação de Professores. Graduada em Ciências Sociais. Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Atualmente no Convênio de Cooperação Técnica MEC-SEEDF, como Assessora Técnica na Secretaria de Educação Básica/MEC. Contato: profa.claudiodenis@gmail.com.

A escola, assim como a sociedade, categoriza coisas e pessoas em uma divisão binária na qual é permitido e possível estabelecer relações entre masculino e feminino, frágil e forte, homossexual e heterossexual. A formulação e a construção de categorizações referentes à sexualidade são resultado de uma construção histórica, oriunda principalmente da concepção normativa dos sistemas de sexo-gênero (BUTLER, 2003).

Nossos preconceitos são, muitas vezes, construídos socialmente por falta de novas informações e pela falta de problematizações sobre as certezas adquiridas. O espaço escolar pode ser um local de desconstrução dessas certezas, a partir de estudos, discussões, reflexões e questionamentos. Para isso, é importante que o/a profissional da educação possua formação na área.

Os/as profissionais, em sua maioria, afirmam que não receberam formação quanto ao assunto de gênero e sexualidade, o que é motivo suficiente para implementar políticas de formação continuada nessa área. Considerando os resultados de pesquisas realizadas nesse campo, é possível afirmar que existem cursos qualificados para a abordagem das questões de gênero e sexualidade. Contudo, sua abrangência ainda é pequena com relação à quantidade de profissionais que compõem o quadro da rede pública de ensino.

Este artigo apresenta uma discussão sobre as experiências de professoras que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Educação Básica, acerca da formação profissional voltada para trabalhar com as temáticas de gênero e sexualidade na escola. Tomamos como objeto de análise a formação continuada em gênero e sexualidade dos/as profissionais de educação – também objeto de pesquisa de doutorado já realizado –, na qual analisamos as concepções dos profissionais da educação básica do Distrito Federal sobre essas temáticas e a relação dessas concepções com seu trabalho pedagógico. O percurso desenvolvido na investigação foi traçado a partir do pressuposto da pesquisa qualitativa reconstrutiva, especificamente da interpretação como princípio do Método Documentário, aplicado aos grupos de discussão (BOHNSACK; WELLER, 2010). A análise está centrada em grupos de discussão que foram organizados e realizados com profissionais da educação básica com características diversas (formação profissional, tempo de serviço na educação, idade, etc.). Neste texto, especificamente, trataremos do grupo de discussão formado por professoras que estavam, à época, atuando nos Anos Iniciais de escolarização.

Após a Lei de Diretrizes e Bases – LDB nº 9.394/96, foram elaborados diferentes documentos¹, referências para definição do currículo do país, que apresentaram em seu conteúdo discussões relacionadas às relações de gênero e sexualidade. Contudo, esses documentos não se enraizaram na cultura dos sistemas de ensino, “quer por falta de respaldo em políticas educacionais específicas, quer por suas insuficiências em relação a essas temáticas” (HENRIQUES, 2007, p. 182).

Mesmo constando nos documentos normativos, pesquisas indicam que os/as profissionais de educação não se sentem confortáveis para abordar estes temas em sala de aula – por falta de formação nos temas, por acharem que essa responsabilidade é da família ou por sentirem-se expostos/as. Tendem, ainda, a ignorar as situações que ocorrem na escola e na sala de aula que poderiam levar a uma discussão sobre o assunto. (PAZ, 2008; GRÖSZ, 2008; MADUREIRA, 2007). Destaca-se, ainda, o debate nacional, a partir do Plano Nacional de Educação (2014-2024), que teve um retrocesso se comparado ao período anterior, no qual ocorreram a criação de instituições² e legislações³.

“Na nossa época as meninas eram mais frágeis... hoje elas tão atacadas como os meninos”⁴

O Grupo de Discussão, doravante GD, formado por professoras de Anos Iniciais, foi realizado em uma escola pública de Ensino Fundamental, teve pouco mais de uma hora de duração e foi composto por seis professoras. As participantes do GD possuíam semelhanças e diferenças que podem ser observadas no Quadro 1 abaixo⁵.

As professoras participantes⁶ desse GD⁷ têm em comum a formação inicial – Magistério no Ensino Médio – e a formação em Pedagogia na graduação; possuem, pelo menos, especialização, e uma delas o mestrado. A formação em nível de especialização constitui um diferencial, se comparada a profissionais da Educação Infantil e dos Anos Iniciais de outras Unidades da Federação, o que não significa que elas estejam sensíveis ou aptas a discutir as questões de gênero e sexualidade. Outro dado que merece destaque é que todas as professoras estão próximas de sua aposentadoria, o que talvez as deixem mais acomodadas com relação a buscar novos cursos e novas formações.

No que diz respeito à formação profissional e escolha do curso superior, apesar de apresentarem trajetórias distintas, todas iniciaram em sua profissão a partir do Magistério do Ensino Médio (Escola Normal) e, posteriormente, concluíram o curso de graduação em Pedagogia.

As referidas professoras apresentam trajetórias de vida e escolares que influenciaram, de alguma forma, a escolha e o ingresso na profissão docente, ainda que apresentem contextos diferenciados. Enquanto apenas uma diz ter escolhido a profissão, as outras iniciaram na profissão devido a circunstâncias e influências diversas. O mito da vocação, da capacidade feminina inata para a docência, somente aparece no discurso de Núbia (Nf), pois afirmou que desde pequena sonhava em ser professora. As demais participantes contaram diferentes histórias de vida com relação à profissão.

Quadro 1 - Grupo de Discussão

Grupo de Discussão	Participou de Curso sobre gênero e sexualidade	Integrantes	Idade	Formação Inicial	Atuação Profissional	Tempo na Educação
ANOS INICIAIS	Sim	Ana	41-50	Escola Normal/ Pedagogia	Anos Iniciais/ Pedagoga	26 anos
	Não	Bia	41-50	Escola Normal/ Pedagogia	Professora/ 1º ano	26 anos
	Não	Clara	44	Escola Normal/ Pedagogia	Professora/ 1º ano	23 anos
	Não	Deise	44	Escola Normal/ Pedagogia	Professora/ 1º ano	25 anos
	Não	Eva	47	Escola Normal/ Pedagogia	Professora/ 1º ano	26 anos
	Não	Nubia	47	Escola Normal/ Pedagogia	Professora/ 1º ano	26 anos

Fonte: Própria autora

Formação em gênero e sexualidade

No início da discussão, foi feito um questionamento se as professoras se sentem preparadas para trabalhar com os temas gênero e sexualidade na escola. Todas afirmam não se sentirem preparadas e, considerando que neste grupo apenas uma das professoras afirmou já ter participado de uma formação na área, elas são coerentes. Ao narrarem histórias ocorridas em sala de aula e listarem as atitudes das crianças/adolescentes com as quais não souberam como lidar, demonstram o despreparo.

Conforme os relatos realizados nas discussões, apenas chamar a atenção de quem está realizando determinada atitude que incomoda as professoras (atitudes como: masturbação, passar a mão nas nádegas de colegas, mostrar o pênis para outros colegas, alunos que se esfregam em outros colegas, etc.) não resolve a questão. Passagem “formação para trabalhar com gênero e sexualidade na escola, linhas 1511-1558):

1511 **Y: @Bom@ Então como é que vocês se sentem em relação**
1512 **a gênero e sexualidade vocês acham que estão preparadas**
1513 **pra trabalhar é::é na escola**
1514 Df: Acho que de jeito nenhum eu acho o seguinte oh
1515 Cf: Acho que não
1516 Df: Preparada não
1517 Nf: Nós temos casos esse ano até que não teve na minha sala
1518 mas eu já tive várias turmas onde eu tinha alunas e alunos que
1519 ficam pegando no pin- pênis o tempo todo e mostrando pros
1520 cole::gas (.) se esfregando nos outros e eu já tive umas três
1521 turmas de meninas que ficavam a aula inteira se masturbando
1522 gente (.) isso é muito complicado e aí veio aquela coisa da
1523 gente né que te dá aquilo (.) ai meu Deus que menina você vai
1524 acabar tomando birra da menina toda hora que você olha pra
1525 menina a menina tá lá
1526 └
1527 Af: Há não
1528 Nf: e você Fulana ((bate palmas)) pára com isso (.) Continua
1529 fazendo o trabalho parava de fazer o trabalho pra ficar lá né e
1530 os meninos Tia Tia ((a professora fala gritando como os
1531 alunos)) ai meu Deus eu ficava meu Deus e ai não tinha
1532 orientador e num tinha ninguém pra te ajudar num tinha um
1533 coordenador você levava o caso pra direção da escola ah:: que
1534 que vai fazer chama mãe chama isso chama aquilo ai chamava
1535 a mãe e a mãe ai::: família toda desestruturada também quer
1536 dizer (.) nós ao temos prepa- eu não te::nho (1) gente não
1537 tenho paciência
1538 └
1539 Af: Não temos formação
1540 Nf: porque eu não tenho paciência aquela mão suja aquela
1541 menina o tempo todo cheirando(.) sabe aí eu ficava assim o
1542 que que nós vamos fazer Eu tô falando uns três anos que eu
1543 passei tive alunos assim na minha sala gente é um abuso aí
1544 você fica se cobrando também porque eu sei que a menina
1545 precisa de quê (.) de orientação ela precisa de ajuda
1546 └
1547 Af: de ajuda
1548 Nf: ela ta gritan::do pedindo ajuda (.)
1549 └
1550 Ef: Humrum
1551 Nf: Ta gritando pedindo ajuda (.) só que eu num tô::
1552 └
1553 Af: É
1554 └
1555 Cf: Quem sou eu dentro
1556 da sala de aula
1557 Nf: Nossa faça-me o favor (.) com um monte de menino que
1558 ficam observando aquilo o tempo todo e você fica sem saber

Apesar de entender que alguma ação precisa ser realizada diante das atitudes dos/as estudantes, existe a sensação de impotência ao não resolver o que consideram “problema”: “Quem sou eu dentro da sala de aula” (linha 1555-1556). Elas detectam que falta formação na área, e quando algo que incomoda acontece reclamaram por não ter alguém que pudesse ajudar a resolver o problema. A figura do/a especialista aparece, deixando claro que a função de lidar com as questões de gênero e sexualidade seria do/a “orientador/a educacional”. Em outro momento do GD elas deixam claro que as questões de sexualidade são encaminhadas à orientadora educacional da escola.

Existe, ainda, a dificuldade em convidar os/as responsáveis pelos/as estudantes até a escola, para conversar. É possível perceber como essa prática é recorrente entre as professoras e a direção da escola. Algumas atitudes das crianças são mais recorrentes: “que é o que mais tem os meninos passando a mão no traseiro das meninas” (linha 1592-1593). Diante de algum acontecimento com as crianças, na área da sexualidade, pais/mães/responsáveis são imediatamente chamados para conversar, mesmo antes de uma análise prévia do que tenha acontecido e das características de crianças/adolescentes daquela idade, ou sem realizar um trabalho com a turma. Existem práticas que são comuns entre crianças, e parece que mesmo acontecendo muitas vezes nenhuma ação em termos de trabalho pedagógico ou discussão sobre as atitudes está sendo realizada com as turmas. A falta de conhecimento, estudo e orientação para as professoras sobre a sexualidade humana pode ser o motivo de que alguma ação não seja implementada.

As professoras relatam a dificuldade da presença da família dos/as estudantes na escola para tratar desses temas. No geral, quem comparece à escola são as mães, que também não sabem lidar com a situação, chegando à agressividade com as crianças, para que deixem a prática, seja da masturbação, seja de outra questão relacionada à sexualidade. As professoras, por não saberem como lidar, passam “o problema” para frente: direção, família. Passagem “falar com os pais”, linhas 1563-1628:

1563 Df: E tem até (.) tem hora que dá dificuldade pra gente
1564 cha=chamar o pai né pra conversar
1565 └
1566 Nf: Chamar o pai (.) e não essa menina tentei chamar o pai
1567 várias vezes (.)
1568 └
1569 Ef: Olha a situação
1570 Nf: quan::do consegue a mãe já vem com mil pedras na mão
1571 └
1572 Ef: Hum=Hum
1573 └
1574 Af: É verdade
1575 Nf: Aí vai bater na menina pra menina parar de=de tem
1576 └
1577 ?f: (falas simultâneas)
1578 └
1579 Ef: Como é vai trabalhar isso (.) né
1580 └
1581 Nf: então isso ainda
1582 são coisas poucas menino passando a mão no traseiro das
1583 meninas
1584 └
1585 Af: É:::é
1586 └

1587 Bf: Menino em fila que encosta no colega
 1588 L
 1589 ?f: falas simultâneas
 1590 Nf: que é o que mais tem os meninos passando a mão no
 1591 traseiro das meninas
 1592 Ef: é (.) é
 1593 Nf: ((sinal tocando)) meus meninos estavam com um papo de
 1594 aranha de falar (.) de ficar falando ah fulano falou pra chupar
 1595 não sei quem (.) quem falou o que (.) comer não sei quem (.)
 1596 tão vindo em casa
 1597 Ef: Pois é
 1598 Nf: Não vou entrar nessas essas famílias pra saber o que que
 1599 ta acontecendo (.) o que ta vendo (.) o que ta deixando de ver
 1600 (.) dá licença não vou
 1601 Ef: É eu acho que isso é uma outra área bem específica
 1602 L
 1603 Nf: Eu não vou
 1604 chamar pai e mãe
 1605 Ef: que teria que ter uma pessoa pra saber o que responder pra
 1606 assumir esses casos ai
 1607 Nf: Para saber o que eles estão fazendo (.) um- umas famílias
 1608 que moram dez menino o pai e a mãe no mesmo quarto
 1609 L
 1610 Cf: Tudo junto
 1611 L
 1612 Af: Hum=Hum
 1613 Nf: O que que eles estão vendo eles estão vendo de tudo na
 1614 televisão (.) quer dizer preparo nós não temos não (.) mas
 1615 ainda bem que eu tô aposentando @daqui dois anos e meio@
 1616 ((risos)) tive poucos casos até hoje (.) @eu espero que nos
 1617 próximos=nos próximos anos eu não tenha nenhum problema
 1618 do tipo@
 1619 L
 1620 Af: É porque é complicado
 1621 f: até nos casos extremos eu assim nunca tive essa situação
 1622 não e eu vejo hoje eles querendo olhar as calcinhas das
 1623 meninas (.) meninos passando as mãos na nádegas do outro ai
 1624 eu vou páro e falo gente o corpo deve ser respeita::do tá o
 1625 corpo da gente é você (.) ninguém pode tá passando a mão
 1626 porque é falta de respeito então eu entro nessas questões assim
 1627 eu paro mesmo e falo esses dias mesmo o Alisson tava
 1628 passando a mão na bunda dos meninos

As professoras, no geral, culpam a família pelas atitudes dos/as estudantes. Talvez porque a vigilância e o controle por parte dos/as responsáveis sobre o que as crianças fazem, o que ouvem ou o que assistem na televisão não tenha sido suficiente para evitar muitas das atitudes que, segundo as professoras, estariam relacionadas ao que acontece em suas casas: "O que que eles estão vendo eles estão vendo de tudo na televisão [...]" (linha 1616-1617). A sexualidade humana é entendida como uma área específica, "que teria que ter uma pessoa pra saber o que responder pra assumir esses casos ai" (linha 1607-1608).

A busca por um/a especialista que venha dar respostas e assumir os casos aparece, novamente, como alternativa. As professoras se eximem de responsabilidades nessa área. Reafirmam: "[...] quer dizer preparo nós não temos não (.) mas ainda bem que eu tô aposentando @daqui dois anos e meio@ ((risos)) tive poucos casos até hoje [...]" (linhas 1617-1619). A ausência de formação na área é fato entre essas profissionais e a falta de interesse por formação continuada também. Nesse caso, é possível que a proximidade da aposentadoria seja um dos motivos para o baixo envolvimento dessas professoras com o tema.

As professoras costumam, no geral, conversar com os/as estudantes, e explicam que o corpo deve ser respeitado e que

não devem agir de determinada forma porque é falta de respeito. Confirmando a falta de formação delas, surge um questionamento sobre uma possível consequência relacionada ao procedimento realizado. Existe um procedimento padrão para com as crianças: respeitar! Mas, ao mesmo tempo, há a dúvida sobre os resultados futuros. As crianças poderiam ficar com algum tipo de trauma na área sexual? (linhas 1649-1656).

A discussão faz com que uma das professoras comente sobre suas próprias dificuldades com relação à sexualidade em seu casamento. Neste momento, há grande interação no GD e por alguns instantes as professoras falam ao mesmo tempo. Passagem "atitudes da/s professora/s", linhas 1640-1709:

1640 Af: Mas e ai eu falo com o menino que ninguém deve
 1641 passar a mão ai também eu não vou gerar
 1642 L
 1643 Df: Ai eu parei
 1644 Af: Entendeu (.) oh (.) entenda o que tô falando (.) você
 1645 pega uma pessoa mais fraca
 1646 L
 1647 Df: crianças (.) crianças ainda
 1648 Af: Num vai passar num vai travar também entendeu (.) é
 1649 isso que eu (.) num tô falando que você tá errada não eu tô
 1650 falando assim o outro lado né (.) oh vamo respeitar o
 1651 corpo (.) ninguém pode passar a mão (.) é o que eu faria
 1652 também (.) ai ao mesmo tempo eu falo assim no- mas
 1653 ninguém pode passar nunca (.) Não vai deixar essa pessoa
 1654 também mais tarde (.) na hora (.) não não pode
 1655 L
 1656 Nf: É
 1657 L
 1658 ?f: () ((falas simultâneas))
 1659 Af: Até isso a gente pensa
 1660 Ef: fácil conseguir () com certeza vai (ter)
 1661 Af: Num é (.) É uma coisa esquisita né porque tem gente
 1662 que generaliza e vai generalizar pra vida inteira
 1663 L
 1664 Nf: É:::é
 1665 Af: não tem umas mulheres ai (.) que são frias
 1666 L
 1667 Nf: É é
 1668 Af: porque eram reprimidas não tem essa história (.) então
 1669 até isso a gente pensa
 1670 L
 1671 Nf: Você imagina a criança chegar já
 1672 vai- tem gente que se sente ofendida gente
 1673 L
 1674 Af: Óh (.)
 1675 Ef: o meu caso eu passei por isso a minha dificuldade
 1676 assim depois que eu casei mais foi nesse=nesse lado e a
 1677 minha mãe o tempo todo não (.) não deixa ninguém te
 1678 tocar
 1679 L
 1680 Af: Óh (.) óh
 1681 Ef: menino nenhum o tempo todo tava me cercando aí eu
 1682 cresci (.) com aquilo
 1683 L
 1684 Vf: com aquilo
 1685 Ef: eu brincava na rua e menino não chegava em mim (.)
 1686 se chegasse oh ((sinal de soco)) ((risos)) e brincava
 1687 molecona de rua tudo na- nunca tive problemas
 1688 L
 1689 Af: @Mas num encosta não@
 1690 Ef: Depois que eu casei aí veio=vieram todos os
 1691 problemas porque eu não dei conta de relacionar (.) não
 1692 dei conta (.)
 1693 L
 1694 Af: É:::

vem cá (.) vamos só lembrar a nossa infância foi legal esse grupo porque nós somos mais ou menos da ma- mesma faixa etária acho que daqui eu sou a mais velha né (.) que vou fazer cinquenta primeiro [...]” (linhas 1790-1794). Uma das professoras apresenta uma reflexão sobre a normalidade de experiências como namoro entre os/as estudantes e que, elas mesmas vivenciaram, e por motivos sociais e econômicos da sociedade atual, a escola tem sido o lócus para tal experimentação. Passagem “experiências das professoras”, linhas 1790-1905; 1935-1956:

1790 Af: Porque gente (.) mas vem cá (.) vamos só lembrar a nossa
 1791 infância foi legal esse grupo porque nós somos mais ou menos
 1792 da ma- mesma faixa etária acho que daqui eu sou a mais velha
 1793 né Que vou fazer cinquenta primeiro (.) que horror ((risos)) já
 1794 passou
 1795
 1796 Nf: Sabedoria
 1797 minha filha (.) sabedoria ((risos))
 1798 Af: nós não brincávamos de salada mista (.) salada
 1799
 1800 Ef: Eu nunca
 1801 brinquei porque mamãe nunca deixou
 1802 Af: Há vá (.) mas também
 1803 Nf: Eu brincava na rua ela não sabia
 1804 Ef: Eu nunca brinquei na rua (.) mamãe também nunca deixou
 1805 brincar na rua
 1806 Af: Assim (.) a gente dava uns beijinhos (.) a gente brincava
 1807 para dar uns beijinhos sim
 1808
 1809 Df: É verdade
 1810 Af: Era uma coisa tão:: nossa gente beijava aquele menino
 1811 você ficava né
 1812 Nf: ((risos))
 1813
 1814 Df: Eu podia ir para rua mas era só pra jogar bola (.) não
 1815 pegava menino nenhum
 1816 Af: E a gente não ia pra isso na escola (.) a gente não tinha
 1817 esse tipo de comportamento na escola porque tínhamos
 1818 brincadeiras
 1819
 1820 Ef: engraçado (.) era mesmo (.) na escola não
 1821 Af: Pode lembrar (.) tinha umas brincadeiras que parece que
 1822 diluíam um pouco o nosso tesão de adolescente (.) porque isso
 1823 daí também é:::é uma necessidade
 1824
 1825 Nf: hormonal
 1826 Af: nossa hormonal e tal (.) e a gente tem que entender isso
 1827 não é
 1828
 1829 Nf: ou tentar procurar o lugar
 1830 Af: Pois é, mas a gente tem que entender e hoje (.) os meninos
 1831 não brincam de Salve Latinha não brincam de Salve Rainha
 1832 não brinca de Peteca não brinca de nada
 1833
 1834 ?f: salada mista
 1835 Af: é televisão que eu acho que aumenta a parte do desejo
 1836
 1837 Bf: Acho que aflora mais ainda
 1838
 1839 Af: Né
 1840 Ef: Radicaliza
 1841 Af: E mais sozinhos então a escola é a oportunidade que eles
 1842 têm (.) por isso a gente tá tendo eu acho que hoje a gente tem
 1843 muito mais isso na escola porque eles não têm mais (.) lembra
 1844 que a gente tinha uns grupinhos
 1845
 1846 Ef: era um social
 1847 Af: que brincava de pique esconde a gente tinha esses
 1848 meninos não tem mais (.) então escola pra eles agora eu vendo
 1849 lá o projeto do Haddad lá vocês viram (.) vocês viram os três
 1850 projetos aumentar os 220 dias leti:::vos e a escola ser integral
 1851 Nf: E fazer ()((risos))

[...]

1935 Af: né porque o tempo todo naquele ambiente ali (.) Eu acho
 1936 que essas brincadei::ras
 1937
 1938 Ef: Não precisa ir longe não a Katila o
 1939 ano passado
 1940 Af: Fazem falta para os meninos (.) nessa adolescência e ai
 1941 que
 1942
 1943 Cf: É ai que eu vejo eu tenho uma dificuldade em aceitar
 1944 meninos grandes com meninos pequenos
 1945
 1946 Nf: que tem treze esse
 1947 ano tem até 14 anos já os menores
 1948 Bf: Numa turminha de seis onde já tem uma historia de vida
 1949 que é::: que a gente sabe que é
 1950
 1951 Af: é diferente
 1952 Cf: olha aí gente é uma tensão vai ao banheiro eu não deixo
 1953 que ir com as menores porque eu não sei o que que ela vai
 1954 ensinar o que ela vai mostrar o que ela vai fazer (.) na sala de
 1955 aula é olhando o tempo inteiro entendeu (.) ((falas
 1956 simultâneas)) eu acho isso (.) eu tenho uma dificuldade

Esse GD apresenta uma discussão geral muito homogênea, já que não existe diferença geracional entre as professoras, nem diferença na formação. Existe uma voz que destoa, a voz de Ana (Af) e apresenta outras reflexões, mas não há evolução nas discussões, prevalecendo a preocupação em proteger as crianças de não serem *despertadas prematuramente* em sua sexualidade, evitando abrir o diálogo sobre o tema de forma pedagógica e ampla, mesmo que a turma evidencie interesse.

Algumas discussões

É importante fazer um destaque para as professoras desse grupo de discussão, com idades entre 40 e 50 anos que, em outras questões, valorizam as atitudes de cavalheirismo dos homens e reconhecem que repassam esse valor para seus filhos/netos/alunos, considerando a divisão sexual binária – um dos papéis que o homem deve assumir: protetor e provedor. Essas professoras, que representam a maior faixa etária de profissionais ativos/as da rede pública do Distrito Federal atualmente (41-50 anos), entendem a maternidade e o cuidado com o lar como algo *natural*, inerente ao ser feminino, e não como um dos papéis *possíveis* de serem exercidos pelas mulheres em suas vidas.

Por meio dos grupos de discussão realizados, com perfis diferentes de profissionais de educação no Distrito Federal, a pesquisa confirmou que a formação inicial dos sujeitos, em sua maioria, não contemplou as temáticas de gênero e sexualidade. Importante ressaltar que a categoria gênero desaparecia nas falas, e as discussões centravam-se no tema sexualidade.

A construção da sexualidade é um processo complexo, embora não sendo assim compreendido pelas professoras do GD, que preferem ignorar o assunto ou silenciar-se diante de questões apresentadas pelas crianças a fim de manter a ingenuidade e a inocência infantil com relação ao tema. É importante considerar que a criança elabora suas próprias teorias com relação ao sexo e à sexualidade a partir de suas vivências, sem que adultos/as autorizem.

As professoras e orientadoras que atuam nos anos iniciais acreditam que, se iniciarem uma atividade/um projeto com relação à sexualidade na escola, as crianças podem *afloorar* ou *despertar* para a sexualidade prematuramente. Pode-se inferir que a concepção delas é que as crianças não possuem sexualidade ainda.

As questões da sexualidade, as atitudes e curiosidades das crianças são tratadas, em geral, como *problema*, sem análise do contexto ou da fase de desenvolvimento da pessoa humana. Essa pesquisa revela, ainda, que existe um caminho que é percorrido para resolver o *problema*: o/a estudante é encaminhado/a para a orientação educacional (especialista na área), existe uma conversa, em seguida a criança vai para direção da escola, a família é convocada e comunicada sobre o fato.

Não se considera a necessidade de se iniciar uma conversa/discussão com toda a turma. A conversa ocorre apenas com a(s) criança(s) envolvida(s), por se considerar que essa questão está no campo privado, que deve ser tratada individualmente com os/as estudantes e sua família, além de se ter todo o cuidado para não *despertar* o interesse da turma sobre o tema.

As questões sobre sexualidade são trabalhadas no quarto ano, porque o tema consta no currículo. Contudo, o trabalho realizado é limitado, voltado para as questões da biologia, com uma visão higienista e de saúde. E, na maioria das vezes, o trabalho é desenvolvido no Distrito Federal pela orientação educacional, considerada especialista na área.

Ressaltamos que a formação acadêmica dos/as profissionais da rede pública de ensino no Distrito Federal é considerada alta, com grande maioria possuindo cursos de especialização, mas isto não garante compreensão e apropriação acerca dos debates em gênero e sexualidade.

Este grupo indicou que é preciso que aconteçam diferentes momentos de reflexão e discussão para que as estruturas

construídas social e culturalmente durante a vida sejam desconstruídas. E, a partir daí, as práticas pessoais e pedagógicas possam ser repensadas e modificadas.

As/os profissionais que atuam na escola possuem a função de estranhar, questionar e discutir as questões consideradas *naturais*, os preconceitos e as discriminações produzidas a partir das naturalizações; contudo, existe a necessidade de formação, tanto inicial quanto continuada, nas áreas de gênero e sexualidade.

A possibilidade de desconstruir as identidades fixas e estáveis pode acontecer a partir de estudos, leituras, discussões, diálogos, reflexões, desconstruções e reconstruções. O debate e a discussão continuada, realizados de diferentes formas (grupo de estudo, cursos, diálogos), auxiliam no desvelamento dos preconceitos e das visões de mundo estáveis, fixas e binárias.

Considerações Finais

A análise dos dados possibilitou perceber a predominância do argumento de que é preciso que as escolas possuam um/a especialista que trate das questões de gênero e sexualidades, uma vez que as/os professores/as não conseguem lidar com as temáticas.

Outra questão que apareceu nas discussões, e que é compartilhada pelos/as profissionais em diferentes níveis da Educação Básica, é a visão de que existe uma sexualidade natural, aceita, que é a heterossexual.

A articulação de gênero, sexualidade, formação profissional e trabalho pedagógico representa um desafio que pode ser superado a partir da implementação de políticas públicas e de momentos de discussão coletiva entre os/as profissionais, direcionando ações para uma formação que vise e priorize a relação teoria/reflexão/prática.

Notas

- 1 Parâmetros Curriculares Nacionais (1997); Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998); Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15547-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf-1&Itemid=30192)
- 2 Secretaria de Políticas para as Mulheres (2003); Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/MEC (2004); Secretaria Especial de Direitos Humanos; Rede Educação para a Diversidade (2008); entre outros.
- 3 Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2004, 2007, 2011); Programa Brasil sem Homofobia (2004); entre outros.
- 4 Esse subtítulo é a transcrição da fala de uma professora durante o desenvolvimento do Grupo de Discussão
- 5 Quadro elaborado pela autora, a partir da compatibilização dos formulários preenchidos pelas participantes do Grupo de Discussão.
- 6 As professoras assinaram um Termo de Consentimento, ao participar do GD, no qual esclarecia que o nome verdadeiro seria substituído por um nome fictício e que não seria apresentado na divulgação da pesquisa.
- 7 Códigos utilizados na transcrição dos Grupos de Discussão
 - Y: abreviação para pesquisadora
 - Xf: abreviação utilizada para participantes da pesquisa. Utiliza-se "f" para profissionais do sexo feminino. A primeira letra em maiúscula refere-se à primeira letra do nome fictício.
 - (.) um ponto entre parêntesis expressa uma pausa inferior a um segundo
 - (2) o número entre parêntesis expressa o tempo de duração de uma pausa (em segundos)
 - ^L Utilizado para marcar falas iniciadas antes da conclusão da fala de outra pessoa ou que seguiram logo após uma colocação
 - ; ponto e vírgula: leve diminuição do tom da voz
 - . ponto: forte diminuição do tom da voz
 - , vírgula: leve aumento do tom da voz
 - ? ponto de interrogação: forte aumento do tom da voz
 - exem- palavra foi pronunciada pela metade
 - exe:::mplo pronúncia da palavra foi esticada (a quantidade de : equivale o tempo da pronúncia de determinada letra)

- assim=assim palavras pronunciadas de forma emendada
 - **exemplo** palavras pronunciadas de forma enfática são sublinhadas
 - °exemplo° palavras ou frases pronunciadas em voz baixa são colocadas entre pequenos círculos
 - **exemplo** palavras ou frases pronunciadas em voz alta são colocadas em negrito
 - (exemplo) palavras que não foram compreendidas totalmente são colocadas entre parêntesis
 - () parêntesis vazios expressam a omissão de uma palavra ou frase que não foi compreendida (o tamanho do espaço vazio entre parêntesis varia de acordo com o tamanho da palavra ou frase)
 - @exemplo@ palavras ou frases pronunciadas entre risos são colocadas entre sinais de arroba
 - @(2)@ número entre sinais de arroba expressa a duração de risos assim como a interrupção da fala
 - ((bocejo)) expressões não-verbais ou comentários sobre acontecimentos externos, por exemplo: ((pessoa acende cigarro)), ((pessoa entra na sala e a entrevista é brevemente interrompida))
- 8 Ef: olha na minha turma ainda não tem eu num:: os meninos daqui (.) não tem ainda é pelo menos na minha turma não tem aquele lado (.) não tá não tá aflorado isso neles (.) é:: não apareceu porque acho que segunda série segundo ano primeira série sete anos eu acho que você só deve tocar no assunto quando você percebe que há alguma coisa aflorada dentro da turma como isso não aconteceu né (.) num:::um teve isso na sala num teve nenhum aluno que se despertasse pra=esse lado as brincadeiras deles são muito infantis eles ainda são é::: eles são tratados ainda como crianças pela família então eles estão na realidade de criança ainda bem eles estão vivendo essa realidade ainda e ainda não tem a sexu- a sexualidade aflorada pelo menos na minha turma então eu não tratei desse assunto em outras ocasiões eu já tive que fazer isso vá::rias vezes né em turma de primeira série em turma de quatro anos (.) né porque tinha mas esse ano não tem quando tem a gente tem que tocar no assunto a gente tem que conversar a gente tem que chamar a família quando é exacerbado demais quando é exagerado tem que conversar com todo mundo né tem que levar para a direção o caso tem que...
- Tf: ^lsem alarde né
- (GD Riacho, linhas 804-820)

Referências Bibliográficas

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. [tradução: Renato Aguiar]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. O método documentário na análise de grupos de discussão. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 67-86.
- GRÖSZ, Dirce Margarete. **Representações de gênero no cotidiano de professoras e professores**. 2008. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- HENRIQUES, R. et al. (org.). **Gênero e diversidade sexual na escola**: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Brasília: Ministério da Educação, 2007. (Cadernos SECAD 04).
- MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral. **Gênero, sexualidade e diversidade na escola**: a construção de uma cultura democrática. 2007. 429 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/1610>>. Acesso em: 01 abr. 2012.
- PAZ, Cláudia D. A. **Gênero no trabalho pedagógico da educação infantil**. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília/Faculdade de Educação, Brasília, 2008. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/1872/1/2008I_ClaudiaDADaPaz.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2012.

Bibliografia Consultada

- WELLER, Wivian; PAZ, Cláudia D. A. Gênero, raça e sexualidade nas políticas educacionais: avanços e desafios. In.: **Políticas públicas e gestão da educação construção histórica, debates contemporâneos e novas perspectivas**. Biblioteca Anpae – Série cadernos, n. 11. São Paulo/SP, 2011.